

Contextos não formais de formação: O caso dos encontros de professores de Matemática

Ana Maria Roque Boavida

Introdução

Há algum tempo atrás fui confrontada com o desafio de participar num painel que tinha por principal objectivo discutir os aspectos não formais da formação de professores. O texto de apresentação referia que os encontros profissionais são contextos em que os professores partilham o que vão fazendo e salientava que as oportunidades de troca de ideias e de experiências entre os professores de Matemática constituem importantes momentos para o seu desenvolvimento profissional. Foi a minha adesão a esta ideia, bem como o trabalho de reflexão despoletado pelo desafio de participar no referido painel, que fez surgir o texto que a seguir apresento. Este texto foca-se, globalmente, na importância dos contextos não formais para o desenvolvimento profissional dos professores e, em particular, no papel potencialmente formativo dos encontros de professores de Matemática.

Contextos de desenvolvimento profissional para um professor de Matemática

Em Portugal, um professor de Matemática para se desenvolver profissionalmente pode seguir por várias vias. Pode frequentar cursos de Bacharelato, Licenciatura, DESE, CESE, Mestrado ou Doutoramento, ou seja contextos em que a educação é plenamente intencional, está regulamentada legal e administrativamente, acontece numa estrutura sistémica institucionalizada (escola, por exemplo) e conduz à obtenção de títulos académicos reconhecidos (contextos de educação formal).

Pode também participar em actividades que, embora não sendo proprie-

mente escolares, estão organizadas para a consecução de finalidades educativas explicitamente formuladas (educação não formal) ou pode, ainda, envolver-se em iniciativas que têm consequências educativas, conquanto não tenham sido especificamente elaboradas para a educação (educação informal). Entre estas actividades e iniciativas contam-se, por exemplo, diversas acções definidas no âmbito da formação contínua de professores, os encontros de professores, a participação na vida associativa de associações profissionais, e o envolvimento em projectos de formação, de intervenção e de investigação. Ao atribuírmos a estas vias um papel formativo estamos, claramente, a reconhecer a importância do não formal e do informal na formação de professores.

O papel formativo dos encontros de professores de Matemática

Para destacar a importância do não formal e do informal na formação de professores, vou começar por centrar-me no papel formativo dos ProfMat, ou seja, dos Encontros Nacionais de Professores de Matemática anualmente promovidos pela APM. A análise que apresento parte da minha própria experiência pessoal. Começarei por olhar, por observar esta experiência e interrogar-me-ei sobre as razões e os desejos que me levaram a querer participar, pela primeira vez, num destes encontros, já lá vão mais de dez anos.

Foi em Bragança, em 1987, a primeira vez que participei num ProfMat que reuniu cerca de três centenas e meia de professores. Na altura estava a trabalhar, juntamente com um grupo de colegas, no âmbito de um novo modelo de formação de professores.

Entendo o conceito de formação na acepção abrangente que lhe é conferida por Honoré (1992): a formação é um processo de interrogação permanente sobre o sentido de tudo o que fazemos, uma actividade permanente e fundamental de abertura à existência.

A necessidade de mudar algo no ensino da Matemática, a vontade de querer compreender melhor as complexidades da aprendizagem desta disciplina e o desejo de estimular a inovação nos professores que formávamos, tinha já levado alguns de nós a procurarem a APM e a fazerem-se sócios desta associação. Quando tomámos conhecimento da data e local de realização do ProfMat, decidimos participar neste encontro. Nem a distância, nem os difíceis acessos do nordeste transmontano me fizeram, por um momento que fosse, questionar esta opção.

A minha decisão foi, de início, essencialmente motivada pela procura da novidade, pela expectativa de aprender um pouco mais, de conhecer novas experiências e novos projectos de que tinha ouvido falar, pela vontade de me valorizar profissionalmente. No entanto, cedo me apercebi de que uma das potenciais dimensões formativas do ProfMat vinha exactamente da possibilidade de partilhar e discutir ideias, de poder reflectir em conjunto com os meus pares sobre questões relacionadas com o ensino e aprendizagem da Matemática. E assim, eu e uma colega, resolvemos dinamizar, em Bragança, uma sessão de trabalho sobre formação de professores.

Desde então, tenho sido uma presença constante nos ProfMat. Estes encontros transformaram-se, reorganizaram-se, complexificaram-se e enriqueceram-se, quer para acompanhar as mudanças dos tempos, quer para integrar reflexões que, entretanto, se foram fazendo, quer ainda para dar resposta ao número cada vez maior de pessoas interessadas, que desde 1994 ultrapassou o milhar.

Hoje, passados 10 anos, continuo a ir aos ProfMat, fundamentalmente, pelas mesmas razões que me levaram a Bragança: vou trocar experiências, vou partilhar preocupações e também entusiasmos, vou confrontar saberes, vou procurar ideias novas que "alimentem" projectos que tenho, vou abrir as portas à possibilidade de me entusiasmar por novos projectos, vou colaborar com os meus pares na

construção de uma nova maneira de ver e sentir o ensino e a aprendizagem da Matemática em Portugal.

Para lá destas razões, de natureza profissional, vou também por outras razões, de natureza mais pessoal, que frequentemente se entrelaçam com as primeiras: vou conviver, reencontrar amigos que entretanto conheci, com quem converso sobre projectos vários que entretanto se foram delineando, vou rever colegas de quem não sei há já muito tempo e saber o que estão a fazer de novo, vou renovar o meu sentimento de pertença a um grupo de "profissionais do mesmo ofício", num espaço que a dinâmica associativa da APM tem possibilitado criar.

Por tudo isto, os ProfMat têm sido para mim importantes espaços de formação, onde os momentos com objectivos de carácter pedagógico claramente definidos (como é o caso, por exemplo, da participação numa sessão prática ou num grupo temático) se entrelaçam com outros momentos, mais informais, mas nem por isso menos formativos.

Vou encontrar eco para muitas das dimensões formativas que reconheço nestes encontros, em testemunhos de diversos colegas publicados, em particular, na revista Educação e Matemática. A título ilustrativo transcrevo, em seguida, extractos de alguns desses testemunhos.

- A valorização do trabalho que se faz...

Hoje, mais do que antes, os professores de Matemática aceitam que o seu trabalho e o seu papel são importantes, que vale a pena comunicar aos colegas as suas experiências, os seus êxitos, as suas dúvidas, que é fundamental ouvir o que os outros têm a dizer e confrontar pontos de vista. (P. Abrantes, ProfMat 89: Um encontro para recordar, E&M 11).

- O convívio, onde dimensões pessoais se entrelaçam com dimensões profissionais...

Foram bons momentos de convívio onde mesmo aí se realizaram alguns encontros paralelos... É pois natural que mesmo aí se acabe por falar de

Matemática...afinal alguns só se encontram de ano a ano... (ProfMat 90. Como foi? José Manuel Varandas, E&M 15)

O que levará toda esta gente ao ProfMat (cerca de 1500 professores)? (...) O ProfMat para além das questões seguramente importantes de ordem pedagógica e didáctica era para aquelas pessoas um encontro importante com os seus pares que têm em comum os mesmos interesses, motivações, problemas e dificuldades (...) Quantas amizades se terão criado e consolidado durante a realização dos ProfMats, quantas trocas de experiências, informações, esclarecimentos de dúvidas, início de projectos, terão acontecido fora daquele espaço, mas por via dele. Ninguém poderá responder com exactidão, mas serão seguramente centenas. (Sensações do ProfMat 95, Carlos Alberto Vintém, E&M 36)

- A partilha, a reflexão, os entusiasmos, as intranquilidades...

Registei com agrado algumas observações de uma estreante nestas andanças: sai-se daqui com vontade para fazer melhor. Aqui arranjamos força para fazer qualquer coisa de diferente. (ProfMat 91 - Breves impressões, José Duarte, E&M 19/20)

O ProfMat foi um espaço de constante reflexão, debate, troca de experiências e convívio. Trouxe comigo novas ideias, mais entusiasmo e motivação, para enfrentar as dificuldades que se vivem nas escolas... (A minha visão do Profmat 94, Helena Fonseca, E&M 23)

O ProfMat, como dizia uma colega, permite-nos recarregar baterias. Sendo um momento de paragem e reflexão, é também um local para onde levamos as nossas intranquilidades. (Évora, terra de bom acolhimento, Manuela Pires, E&M 36)

É importante salientar que o ProfMat se distingue de muitos congressos, onde grande parte do tempo é ocupado por uns poucos especialistas que falam para uma grande assistência. Essa distinção assenta no facto de muito do trabalho que aí se realiza ter

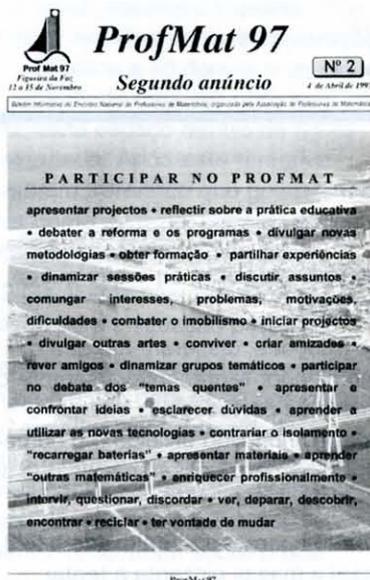
a sua origem em iniciativas dos professores que, por vontade própria, se dispõem a partilhar e discutir, com colegas, as experiências e projectos que vão desenvolvendo. Por exemplo, analisando o programa do ProfMat 97, constatamos que das 175 sessões existentes, 113 são sessões práticas, comunicações, apresentações de projectos, sessões especiais e apresentação de materiais, ou seja, cerca de 2/3 do programa é constituído por "ofertas" dos participantes.

O envolvimento de um grande número de professores na preparação e dinamização de sessões de trabalho não é exclusivo do ProfMat 97. Segundo Paulo Abrantes (1997) nos últimos três anos o número de professores que teve uma "contribuição activa" nestes encontros correspondeu, aproximadamente, a 15% do total de participantes.

Estes factos mostram claramente que, de uma maneira progressiva, o professor vem atribuindo valor ao trabalho que realiza e acreditando que há potencialidades importantes na apresentação e discussão das experiências que vai fazendo. Ora, como bem salienta Henrique Guimarães (1995), a auto-confiança, a consciência da importância da seu papel e experiência na educação e no ensino, e a valorização da comunicação e intercâmbio de ideias, experiências e materiais, são ingredientes fundamentais para um efectivo desenvolvimento profissional do professor.

Participar no ProfMat: possibilidades de construção de um itinerário auto-formativo

Observando a primeira página do 2º anúncio do ProfMat 97, intitulada Participar no ProfMat, encontramos aí enunciadas actividades diversas que nos permitem destacar algumas das possíveis potencialidades formativas dos encontros de professores. De facto, nestas actividades podem identificar-se funções várias cuja interacção pode facilitar a construção, por cada professor, de um verdadeiro itinerário auto-formativo (Couceiro, 1995):



- Encontramos uma função instrumental, essencial para a aprendizagem de saberes específicos úteis ao trabalho do professor, presente, por exemplo, no "debater a reforma e os programas", no "dinamizar sessões práticas e grupos temáticos", no "aprender a utilizar as novas tecnologias";
- Encontramos uma função dialogal, para comunicar, evidenciada pelo "discutir assuntos", "conviver", "comungar interesses, problemas, motivações, dificuldades", "apresentar e confrontar ideias";
- Encontramos uma função de auto-reflexão visível no "reflectir, questionar, discordar, ver, descobrir, encontrar".

É interessante constatar que, por vezes, numa mesma actividade são mobilizadas diferentes funções. Por exemplo, a dinamização de sessões práticas e grupos temáticos tem claramente uma função instrumental, pois possibilita o confronto com diversos saberes específicos relacionados com o ensino e aprendizagem da Matemática. No entanto, a acção de dinamizar supõe formas de funcionamento propícias à troca de ideias e ao questionamento e, nessa medida, podemos aqui identificar também a função dialogal e a função de auto-reflexão.

As actividades mencionadas no anúncio, podendo possuir as funções atrás referidas, são consistentes com princípios pedagógicos capazes de sustentar práticas propícias à auto-formação dos professores de Matemática e, portanto, ao seu desenvolvimento profissional. Nomeadamente, evidencia-se:

- O reconhecimento do valor da experiência, que se pretende interrogada e problematizada;
- A importância da reflexão sobre as práticas profissionais, que se querem compreendidas, reelaboradas e enriquecidas;
- A relevância reconhecida à construção de projectos partilhados;
- A valorização da comunicação, do assumir da palavra para enunciar o que fazemos através de palavras que são as nossas, o que contribui para um acréscimo de consciência sobre a nossa própria acção.

É, nesta medida, que os encontros de professores de Matemática podem ter um forte potencial formativo. E aqui entendo o conceito de formação na acepção abrangente que lhe é conferida por Honoré (1992): a formação é um processo de interrogação permanente sobre o sentido de tudo o que fazemos, uma actividade permanente e fundamental de abertura à existência.

Referências

- Abrantes, P. (1997). El movimiento asociativo y la identidad profesional de los profesores de matemáticas. *Epsilon* n° 38, pp. 47-57.
- Guimarães, H. (1995). O nosso Encontro. Em *Educação e Matemática* n° 36. pp. 1-2.
- Couceiro, M.L. (1995). Autoformação e contexto profissional. *Formar*, n° 14.
- Honoré, B. (1992). *Vers l'oeuvre de formation. L'ouverture à l'existence*. L'Harmattan: Paris.

Notas

- ¹ Este painel intitulado Formação de professores: que relevo para o informal? realizou-se no ProfMat 97 e foi moderado por Joana Porfírio.

Ana Maria Boavida
ESE de Setúbal